

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
3 e 12 de Julho de 2025  
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTZ (parte VI – conclusão)

## FORCE OF ARMS / A GIRL FOR JOE / 1951 Quando Passar a Tormenta

*Um filme de Michael Curtiz*

*Argumento:* Orin Jannings, a partir de uma história de Richard Tregaskis / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco.):* Ted McCord / *Cenários:* Edward Carrere / *Figurinos:* não identificado / *Música:* Max Steiner / *Montagem:* Owen Marks / *Som (mono):* Stanley Jones / *Interpretação:* William Holden (*Sargento John “Pete” Peterson*), Nancy Olson (*Tenente Eleonor MacKay*), Frank Lovejoy (*Major Brackford*), Gene Evans (*Sargento Smiley “Mac” McFee*), Dick Wesson (*Kleiner*), Paul Picerni (*Sheridan*), Katherine Warren (*Major Waldron*) e outros.

*Produção:* Warner Bros / *Cópia:* 16 mm (reduzido do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 94 minutos. / *Estreia mundial:* 13 de Agosto de 1951 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Monumental), 6 de Fevereiro de 1953 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**Embora o genérico indique o título do filme como FORCE OF ARMS, um leiteiro, em caracteres pequenos e na parte de baixa da imagem indica que se trata “de A GIRL FOR JOE, formerly FORCE OF ARMS”.**

\*\*\*\*\*

A Segunda Guerra Mundial revelou-se um tema absolutamente inesgotável para o cinema (“*ainda bem para o cinema que Hitler existiu!*”, observou sarcasticamente certa vez Maurice Pialat). **Force of Arms** foi realizado apenas seis anos depois do fim do conflito e já era necessário encontrar algumas variantes para os filmes sobre este tema, nos quais já existiam vários clichés, de que há diversos exemplos no filme de Curtiz. Partindo da ideia de narrar uma história de amor que tem lugar durante uma guerra, o que é um tema clássico na literatura e também no cinema desde os seus primórdios, a Warner pura e simplesmente transpôs a história de *A Farewell do Arms*, de Hemingway, em que um tenente americano estacionado em Itália durante a Primeira Guerra Mundial se apaixona por uma enfermeira (o romance foi magnificamente adaptado ao cinema em 1932 por Frank Borzage, com Gary Cooper no papel principal, numa produção da Paramount). Foi dado outro título à história, em que a ideia de *força* substitui a de *adeus* e foi omitida qualquer referência a Hemingway, atribuindo-se a trama narrativa a Richard Tregaskis, um correspondente de guerra que publicara alguns livros. Não se sabe a razão desta decisão, que não suscitou nenhuma reação de Hemingway, mas o facto é que a Warner adquirira os direitos do seu romance para realizar uma nova adaptação.

Curtiz pôde contar com a colaboração do exército americano, não apenas para as cenas de batalhas, filmadas na Califórnia, como para a inserção de três trechos de autênticas imagens de guerra, escolhidas com cuidado e bem encaixadas no filme. O argumento acentua a ideia de luta sobre a de heroísmo individual: depois de se apaixonar, o protagonista deixa de lutar com empenho total, facto a que ele atribui a morte de um camarada, o que o leva a uma quase suicidária tentativa de redimir-se. Neste sentido, a escolha de William Holden para o principal papel masculino é pertinente, pois embora conhecido o ator não era uma vedeta nem um galã convencional, não pesava mais do que os personagens que representava. Nancy Olson, que está absolutamente perfeita (nem mulher fatal, nem casta enfermeira, ou seja, o seu personagem é despido de clichés), tão pouco era uma vedeta, o que leva o espectador a interessar-se pelo seu

personagem mais do que pela maneira como a atriz se comporta. O percurso do par de amantes é, evidentemente, tumultuado e marcado por uma série de provas que devem ser vencidas antes da união final: conhecem-se por acaso num cemitério militar, são separados pela guerra, novamente reunidos e novamente separados, ele é dado por morto e, como só acontece no cinema, ambos voltam a encontrar-se na rua durante os festejos pela libertação de Roma. Uma história de amor tão nitidamente situada durante um conflito bélico (não falta a inevitável cena do beijo interrompido por um bombardeamento) deveria ter um efeito extremamente forte sobre o espectador, mas isto nem sempre é o caso, talvez devido às insuficiências do argumento, ou seja, do desenvolvimento da trama narrativa e não da “história” propriamente dita. Não há *crescendos* nem pontos culminantes, apesar dos episódios dramáticos que se sucedem e da oposição entre a guerra e uma simples história de amor. Num artigo de 1995 em *Dirigido Por*, depois de tecer elogios argumentados às sequências iniciais do filme com a sua “*tonalidade fúnebre e a ideia da morte a pesar sobre o personagem desde a primeira sequência em que ele intervém e que se interpõe com frequência entre Pete e Eleanor, inclusive em alguns momentos de descontração*”, José Maria Latorre acrescenta: “*Infelizmente, a totalidade de **Force of Arms** não tem este tom e são frequentes os altos e baixos narrativos, que se interpõem entre os sucessivos e por vezes incomodativos intercâmbios de protagonismo entre o sombrio e o convencional*”. De facto, a manutenção de uma atmosfera sombria, incerta, se coadunaria perfeitamente bem com uma história de amor vivida durante uma guerra, mas o filme afasta-se diversas vezes deste tom, perdendo coerência e ganhando banalidade. No que refere as convenções mais gritantes do cinema americano, além das relações entre os soldados e a população local, impossível não mencionar que o bar onde os americanos se reúnem em Nápoles se chama nada menos do que Mamma Mia, o que certamente enfraquece a adesão espectador ao filme de modo geral. Dois anos antes de Latorre, em *The Casablanca Man*, James C. Robertson fizera observações semelhantes: “*Paradoxalmente, a força tanto das sequências de batalhas quanto das românticas também é a fraqueza mais visível do filme. Coexistem com muita dificuldade, o que reflete a ambição excessiva do projeto e o resultado global é apreciável, mas não totalmente convincente*”.

Mas as causas da excessiva placidez de **Force of Arms** talvez não se devam inteiramente às insuficiências do argumento e venham, pelo menos em parte, de uma relativa indiferença do realizador. Não falta ao filme coerência de conjunto, apesar do contraste entre os seus dois temas, mas Curtiz parece ter negligenciado um pouco os pormenores do trabalho de um realizador, a necessidade de conferir intensidade a cada sequência, sob pena de diminuir o impacto do filme. Não basta que tudo esteja no lugar, é preciso que alguma coisa palpite para que um filme viva verdadeiramente diante do espectador e, no caso deste filme, isto nem sempre acontece.

Antonio Rodrigues